

# Gênero, notícia e transformação social

Fernanda Henriques, Pablo Calvo, Liliane de Lucena Ito, Raquel Longhi, Luis Antonio Ogando e Marcelo Martinez (Orgs.)

meistudies

1º Congresso Ibero-americano sobre Ecologia dos Meios



RIA  
Editorial

# Gênero, notícia e transformação social

Fernanda Henriques  
Pablo Calvo  
Liliane de Lucena Ito  
Raquel Longhi  
Luis Antonio Ogando  
Marcelo Martinez



## **Ria Editorial - Comit  Cientifico**

Abel Suing (UTPL, Equador)  
Alfredo Caminos (Universidade Nacional de Cordoba, Argentina)  
Andrea Versutti (UnB, Brasil)  
Angela Grossi de Carvalho (Universidade Estadual Paulista – UNESP, Brasil)  
Angelo Sottovia Aranha (Universidade Estadual Paulista – UNESP, Brasil)  
Anton Szomolányi (Pan-European University, Eslováquia)  
Antonio Francisco Magnoni (Universidade Estadual Paulista – UNESP, Brasil)  
Carlos Arcila (Universidade de Salamanca, Espanha)  
Catalina Mier (UTPL, Equador)  
Denis Porto Ren  (Universidade Estadual Paulista – UNESP, Brasil)  
Diana Rivera (UTPL, Equador)  
Fatima Martínez (Universidade do Rosário, Col mbia)  
Fernando Ramos (Universidade de Aveiro, Portugal)  
Fernando Gutierrez (ITESM, México)  
Fernando Irigaray (Universidade Nacional de Rosario, Argentina)  
Gabriela Coronel (UTPL, Equador)  
Gerson Martins (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, Brasil)  
Hernán Yaguana (UTPL, Equador)  
Jenny Yaguache (UTPL, Equador)  
Jer nimo Rivera (Universidade La Sabana, Colombia)  
Jesús Flores Vivar (Universidade Complutense de Madrid, Espanha)  
João Canavilhas (Universidade da Beira Interior, Portugal)  
John Pavlik (Rutgers University, Estados Unidos)  
Joseph Straubhaar (Universidade do Texas – Austin, Estados Unidos)  
Juliana Colussi (Universidade do Rosário, Col mbia)  
Koldo Meso (Universidade do País Vasco, Espanha)  
Lorenzo Vilches (Universidade Aut noma de Barcelona, Espanha)  
Lionel Brossi (Universidade do Chile, Chile)  
Maria Cristina Gobbi (Universidade Estadual Paulista – UNESP, Brasil)  
Maria Eugenia Porém (Universidade Estadual Paulista – UNESP, Brasil)  
Manuela Penafria (Universidade da Beira Interior, Portugal)  
Marcelo Martínez (Universidade de Santiago de Compostela, Espanha)  
Mauro Ventura (Universidade Estadual Paulista – UNESP, Brasil)  
Octavio Islas (Pontifícia Universidad Católica, Equador)  
Oksana Tymoshchuk (Universidade de Aveiro, Portugal)  
Paul Levinson (Fordham University, Estados Unidos)  
Pedro Nunes (Universidade Federal da Paraíba – UFPB, Brasil)  
Raquel Longhi (Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Brasil)  
Ricardo Alexino Ferreira (Universidade de São Paulo – USP, Brasil)  
Sergio Gadini (Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, Brasil)  
Thom Gencarelli (Manhattan College, Estados Unidos)  
Vicente Gosciola (Universidade Anhembi Morumbi, Brasil)

Gênero, notícia e transformação social. Fernanda Henriques, Pablo Calvo, Liliane de Lucena Ito, Raquel Longhi, Luis Antonio Ogando e Marcelo Martinez (Orgs.). - 1ª Edição - Aveiro: Ria Editorial, 2019. 655p.

Livro digital, PDF.

Arquivo Digital: download e online  
Modo de acesso: [www.riaeditorial.com](http://www.riaeditorial.com)  
ISBN 978-989-8971-06-7

1. Inclusão. 2. Estudos de Gênero. 3. Tecnologia. 4. Ecologia dos Meios. 5. Jornalismo. 6. Comunicação. 7. Transformação Social . I. Fernandes, Fernanda. II. Calvo, Pablo. III. Ito, Liliane de Lucena. IV. Longhi, Raquel. V. Ogando, Luis Antonio. VI. Martinez, Marcelo. VII. Título.

Copyright das imagens pertencem aos seus respectivos autores.

© Design de Capa: Denis Renó  
Paginação: Luciana Renó

© Fernanda Henriques, Pablo Calvo, Liliane de Lucena Ito, Raquel Longhi, Luis Antonio Ogando e Marcelo Martinez (Orgs.)

© Abel Suing, Abigail Elizalde, Alan César Belo Angeluci, Alexandre Lenzi , Aline Cristina Camargo, Anabela Gradim, Andréia Schach Fey , Ângela Cristina Ribeiro Domingues Piazzentin, Angelo Sastre, Bruno David Amoretti Aliaga, Bryan Patricio Moreno-Gudiño, Diana Rivera-Rogel, Elaine Regiane Damaceno Ribeiro, Evani Marques Pereira, Fabiana Piccinin, Felipe de Oliveira Mateus, Fernando Martínez Cabezedo, Frank Denys Capuñay Laynes, Gabriela Rita de Barros, Gabrielle Vivian Bittelbrun, Giovana Montes Celinski, Hernando Gomez Salinas, Ingrid Gomes Bassi, Jaqueline Frantz de Lara Gomes, João, Fernando Marar, Juliano Maurício de Carvalho, Liliana Sorel Fabiani Hernández, Liliane de Lucena Ito, Luciana Galhardo Batista Simon, Luciane de Fátima Giroto Rosa, Luiz Fernando Ribas , Marcello Zanluchi Surano Simon, Margarida Gandara Rauen , María José García-Orta, Mayckel Barbosa de Oliveira Camargo, Pablo Calvo de Castro, Renata Loureiro Frade, Ricardo Morais, Rodrigo Daniel Levoti Portari, Sebastián Alaniz Muñoz, Tarcineide Mesquita

© Ria Editorial  
Aveiro, Portugal  
[riaeditora@gmail.com](mailto:riaeditora@gmail.com)  
<http://www.riaeditorial.com>

Licença:



>: Atribuição-Não Comercial-Sem Obras Derivadas 4.0 Internacional  
>: Você é livre para:  
- copiar, distribuir, exibir, e executar a obra  
Baixo as seguintes condições:  
- Atribuição. Você deve atribuir a obra na forma especificada pelo autor ou o licenciante.

- Não Comercial. Você não pode usar esta obra com fins comerciais.  
- Sem Obras Derivadas. Você não pode alterar, transformar ou criar sobre esta obra.

<https://creativecommons.org/licenses/?lang=pt>

# Índice

Apresentação.....	10
-------------------	----

## PARTE 1 GÊNERO E ECOLOGIA DOS MEIOS

A Diversidade de Gênero em <i>e-books</i> do Curso de Arte a Distância da UNICENTRO.....	13
--	----

Idosos e os Diferentes Meios Midiáticos, as Interferências na Saúde desta População.....	45
--	----

Orgulho e Preconceito em Terras Tupiniquins: Permanências e Rupturas da Trama Clássica na Telenovela Brasileira Orgulho e Paixão.....	68
--	----

Mujeres Quechuhablantes en la Red: Competencias en el Uso De Recursos de CMS.....	88
---	----

Revista Azmina: Imagens e Possibilidades Heterotópicas Feministas na Plataforma Online.....	106
---	-----

O Fenômeno Comunicacional do Ativismo Coletivo Feminino em Tecnologia e seu Impacto Transmídia pelo Storytelling: Estudo de Caso Minas Programam.....	128
---	-----

## PARTE 2

### JORNALISMO E MIDAÇÃO

Respostas Sociais no YouTube sobre a Crise Humanitária Venezuelana .....	145
A Profissão que Ficou para Trás? O Jornalista na Linha de Frente do Avanço Tecnológico.....	170
Um Olhar para Aquele que Escreve e Seleciona Notícias: Narrar na Contemporaneidade e o Jornalismo.....	186
Rutinas de Producción de Información en Los Ciberdiarios de Ecuador.....	219
Da Prensa à Galáxia de Gutenberg: Perspectivas do Jornalismo no Ecosistema Tecnológico.....	233
Novos Formatos no Jornalismo Contemporâneo: uma Análise a Partir dos Géneros Jornalísticos Tradicionais e das Narrativas e Conteúdos Emergentes .....	252
A Grande Reportagem Multimídia como Expressão Plena do Jornalismo On-Line: dos Sucessos Pioneiros aos Produtos Nativos Digitais .....	279
El Escenario de Reinvencción de la Prensa Digital en Ecuador: una Radiografía del Efecto Mediamórfico .....	300
“O Digital em Primeiro Lugar”: as Mudanças Recentes no Diário de Notícias de Portugal.....	324

Jornalismo Policial em Frutal: Análise das Práticas Jornalísticas .. 348

Medios del Presente y Periodistas en Formación ante una Noticia Histórica, 30 Años Después: una Experiencia de Aprendizaje ..... 371

Las Posibilidades del Documental Interactivo Tras la Irrupción de Nuevos Formatos Digitales Surgidos en Redes Sociales y el Webperiodismo. .... 389

Aproximación al Documental Transmedia ..... 417

### **PARTE 3 POR UMA NOVA CIDADANIA**

*Mobile Learning* e Ferramentas *Google*: Aplicação no Processo de Ensino Aprendizagem ..... 449

El Periodismo como Vía para la Transformación Social: el Salto Andalucía ..... 475

La Participación Ciudadana en la Ley Orgánica de Comunicación de Ecuador ..... 493

Ecosistema Youtuber e Cidadania: Novas Formas de Pensar o Direito à Comunicação na Nova Ecologia dos Meios..... 517

El Ciberactivismo en el Contexto Nacional..... 544

La Guerra de los Imaginarios Sociales. ¿Cómo Actúa la Lucha Epistémica a nivel del Sujeto en el Entorno Digital? .....	573
El Cine Documental Etnográfico como Herramienta para la Transformación Social en la Comunidad Wayúu. Estudio de Tres Casos Significativos .....	602
Propostas Assertivas de Comunicação para a Transformação Social .....	623
3ª Idade Conectada: o Processo de Inclusão Digital sob a Perspectiva dos Novos Novos Idosos .....	641

# Propostas Assertivas de Comunicação para a Transformação Social<sup>1</sup>

Ingrid Gomes Bassi<sup>2</sup>

Estamos num contexto em que compete compreender os processos comunicacionais a partir de perspectivas fronteiriças e de inovação. Fronteiras ora salientes, ora diluídas e, essencialmente, numa atmosfera histórica contínua de mudança. Novidades no sentido de gerar formas e propostas autônomas e coletivas de participação social nos processos de comunicar, produzir conhecimento e reflexões culturais; e, paralelamente, entraves em determinados espaços e setores sociais. Nestes as fronteiras ora se perpetuam sejam pela geografia ou economia, ora são afrouxadas pelas dinâmicas culturais de empoderamento econômico e político. A questão imperial nesse enredo é a não demarcação de finitude para o fluxo temporal de mudança em que as sociedades alicerçam as relações sociais.

- 
1. Artigo apresentado ao 1º Congresso Ibero-americano sobre Ecologia dos Meios – Da aldeia global à mobilidade.
  2. Pós-doutora em Comunicação Social, na Universidade Metodista de São Paulo (Umesp).  
Jornalista pela Universidade Metodista de Piracicaba.  
Professora do Magistério Superior na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará no curso de Jornalismo.  
Contato: [ingridgomessp@yahoo.com.br](mailto:ingridgomessp@yahoo.com.br); [ingrid.bassi@unifesspa.edu.br](mailto:ingrid.bassi@unifesspa.edu.br)

Com isso propusemos trazer de forma resumida o contexto histórico de mudança frequente, as características e valores os quais as mediações podem apresentar como propostas de sociabilidade para esta esfera cambiante, e a recuperação dos processos comunicativos com os exemplos do Projeto Walk and Talk e a revista Vida Simples.

Para isso definimos o uso da pesquisa bibliográfica e da entrevista com os representantes do projeto e da revista, como suportes metodológicos.

A pesquisa bibliográfica como método colabora na formação de leituras sobre o tema estudado para este artigo, por ter caráter investigativo e bibliográfico (Stumpf, 2006, p. 51). Como método de pesquisa, a pesquisa bibliográfica padroniza procedimentos para facilitar a realização dos estudos científicos. Primeiramente, iniciamos pela identificação do tema e assuntos que o cercam, para melhor delimitar a busca por leituras e complementos histórico-teóricos (Stumpf, 2006, pp. 56-58). Além do uso bibliográfico, angariamos pesquisa e entrevistas com representantes do Projeto Walk and Talk e da revista Vida Simples, pois verificamos na pré-análise que ambos desenvolvem conteúdo informativo a partir de características reflexivas sobre o coletivo, a comunidade e o indivíduo em intersecção com práticas cooperativas e convivência dialógica.

Desenvolveu-se três questões centrais: Como se definem?; se observam-se como espaço de troca de conhecimento a partir de perspectivas dialógicas e de bem-estar coletivo?; Como entendem a cidadania no seu conteúdo? Foram perguntas abertas, com questões centrais na expectativa de respostas indeterminadas. O roteiro com as perguntas foi enviado por email, especialmente para este texto.

A pesquisa qualitativa utiliza-se de questões abertas, podendo utilizar-se de roteiro prévio, esperando argumentos nas repostas não medidos,

como foi a definição deste breve roteiro de questões para o presente artigo. A finalidade do uso de entrevistas e questionário qualitativo (Duarte, 2015, p.65) foi para compreender na visão dos produtores da revista e dos organizadores do Projeto os pressupostos de dialogia e cidadania que desempenham.

### **Especulação do “Estado de Crise” e as Mediações**

Os sociólogos Carlo Bordoni e Zygmunt Bauman, na obra “Estado de crise” (2016), trazem a ideia de que o entendimento de crise econômica, popularizada nos últimos anos por parte majoritária dos meios de comunicação e outros autores, é uma construção social nada inocente, como costuma ser os engendramentos sociais na história, identificados por Edward Said (2007), Noam Chomsky (2005) e Robert Fisk (2010) como “palavras e expressões de poder”.

Nesse sentido essas expressões de poder significam, e como ressaltam os sociólogos citados, - A quem significam? E quais são as repercussões desse significado de que a crise teve um início e terá um fim? Essas ordens de significação esclarecem.

Para Bordoni (2016, pp. 15-20) a crise instalada é permanente e se comporta como uma “doença degenerativa”, ao contrário de algo passageiro. Os Estados e governos (macro e micro), diante esse estado de crise, não possuem organicidade política autônoma de enfrentamento real sobre as leis regentes do mercado financeiro, o qual segue extra-fronteira, como um não-espço.

De expressão de poder (“crise”), problemas reais permanentes (política não funcional e sociedades à deriva do capital financeiro), ao fluxo financeiro autônomo das estruturas políticas as quais nos davam

minimamente estabilidade, ressignificam as relações sociais mediadas por comunicações. Para isso é importante compreender também como se deslocam os sujeitos no processo de mediação da cultura pelos meios de se comunicar, agora, centralmente à luz do mercado.

A pesquisadora em Comunicação, Raquel Paiva (2005) explica que o sujeito contemporâneo estabelece formas de conviver com o mundo a partir de paradigmas que envolvem mediações, desta acepção encontram-se normas, regras, costumes e padrões de relacionamento com o outro. “Emergem, nesse novo contexto, novas formas sociais, novos e distintos formatos de relacionamento do indivíduo com o mundo, com as coisas do mundo e principalmente com o outro” (Paiva, 2005, p. 15). Nesse sentido problematiza a necessidade social de pensar um novo mapa das relações sociais, em que contemple as estruturas latentes as quais são responsáveis pelas mediações sociais. (Paiva, 2005, p.16). Dentre essas principais estruturas, Paiva aproxima a mídia como a essencial, a qual regula a relação do indivíduo com o mundo e seu entorno (Paiva, 2005, p. 16).

Avança, pontua a atividade norteadora da mídia como baseada nos bens de consumo, e em decorrência disso os grupos sociais, movimentos e, mesmo, comunidades têm se organizado enquanto propostas mediadas neste contexto cultural via formato pré-estabelecido. Nessa tese há duas problemáticas mais importantes para o presente texto, se as mediações sociais são majoritariamente pautas pela mídia que é um projeto de consumo e para o consumo em sociedade, as relações sociais de contato são gerenciadas por essa ordem de mercadoria, assim como na segunda questão, as representações na mídia veiculadas devem ser vitrines dessa mesma lógica de aquisição. No que se refere a singula-

ridades dos processos afirmativos do sujeito, enquanto seres criativos, gerativos e autônomos, posto à essa lógica, dificulta-se a aceitação do que é, para o que deve ser. Dando continuidade as mediações atuais, Paiva esclarece como se articula a seleção dos sujeitos em relação aos bens de consumo e suas aproximações à mídia:

Pode-se conjugar, ato contínuo, mídia e consumo. E de fato a nova ordem cada vez mais privilegia um número diminuto de povos e indivíduos, capazes de experimentar continuamente todas as novas proposições midiáticas, e coloca de lado um número cada vez maior de indivíduos e populações excluídas dos procedimentos velozes dos bens de consumo.

Esse horizonte da contemporaneidade em que se perfilam, de maneira cada vez mais delimitada, dois distintos grupos, produz uma nova forma social, regulada pela violência e crueldade. (Paiva, 2005, p. 16)

Além dessa compreensão de competir e de violência ao gerar exclusão ao consumo de bens simbólicos, a produção da mídia repercute formatos descritivos, espetaculares do cotidiano, por vezes, no uso contínuo de substituição de imagens, o que Paiva chama de “aparicação midiática”. Essa forma de desenvolver informação, fragmentada, objetiva e descritiva tende a sintonizar as relações sociais a interações efêmeras e distantes no sentido de atuar afetivamente, em especial porque a tônica é competir e a violência gerada em ambos os grupos, que se incluem comprando ou o outro não consumindo, já são protagonistas da cena contemporânea de insegurança social, irritação generalizada e descrença no respeito.

Como proposições alternativas, Paiva pontua a ideia de Comunidade gerativa, aquela capaz de aglutinar sujeitos com valores do bem comum para práticas coletivas de convivência. “Aquela experiência capaz de tirar do torpor os sujeitos envolvidos em projetos individuais

e inseri-los em práticas capazes de fazer frente ao esfalecimento do social”. (Paiva, 2005, p. 21)

Portanto o conceito gerativo diz respeito ao olhar harmônico para com o contexto social e histórico, trazendo luz criativa às relações sociais marcadas pela política do mercado.

Trata-se, portanto, de uma reinterpretação do conceito tradicional da ideia de comunidade, com base no estatuto do sociólogo alemão Ferdinand Tönnies, resgatando facetas como a vinculação social e a preocupação territorial, que engendram a preocupação com o patrimônio cultural. Estão ainda presentes nessa proposta aspectos próprios da sociabilidade que parecem ter perdido o sentido na nova era, mas passam a ser o enfoque central, como cooperação, solidariedade, tolerância, fraternidade, docilidade, amizade, generosidade e caridade. (Paiva, 2005, pp. 21-22)

### **Para Além das Fronteiras e Inovações**

Uma das fronteiras pode ser conceituada como “questão de entendimento pré-realizado” sobre os outros, que nos rodeiam em algum momento da nossa vida cotidiana, seja por mediação virtual ou por outras formas de interações; ou seja, ancora as presenças significadas de juízo de valor. Especialmente os meios de reprodução e produção de informação, como os meios de comunicação, historicamente, alicerçam propostas de entendimento polarizado, divididos, o “eu” e o “ele”, o “nós” e o “eles”.

Fato que se vê majoritariamente nos veículos nacionais e internacionais sobre a forma como contextualizam, por exemplo, o muçulmano, e o próprio Oriente Médio, como cultura. Tanto na tese *Covering Islam*

(2007b) como na obra *Orientalismo* (2007a), o historiador Edward Said problematiza as diferenças claras entre fundamentalistas, terroristas e muçulmanos. Há menos de 1% de fundamentalistas e desta percentagem menos ainda de terroristas do corpo total de muçulmanos no mundo.

Além do desvio de conceituação das tipificações à cima, há a algumas décadas, para trazer um recorte mais contemporâneo, a formação da religião muçulmana pelos meios de comunicação e suas esferas co-relacionadas como: anticivilizados, arcaicos e radicais. Dito isso, a história que se reconstrói, no caso exemplificado do Islã, é um processo de tribalização, e as feridas dessa herança tem sido a vitória de comunidades terroristas, cada vez mais incorporando adeptos.

Para o sociólogo Richard Sennett o tribalismo “[...] une solidariedade com aqueles que se parecem e agressão aos que são diferentes”. Em sociedades complexas como a nossa tribalizar tamanha diferença cultural reduz as singularidades e delimita as fronteiras pessoais de convivência. (Sennett, 2012, p. 14) Nesse prognóstico traz a construção dos outros e a potencialidade de neutralizar toda a diferença. Parte advinda da própria relação social com a economia de mercado e a desigualdade histórica. “Um dos resultados é o enfraquecimento do impulso de cooperar com aqueles que se mantêm teimosamente Outros”. (2012, p. 19)

Outra fronteira ainda expressiva é a problemática do empoderamento dos bens simbólicos culturais de emancipação para o bem-estar de vida, como o usufruto de linguagem, idiomas, educação formal, e outras formas de interação com a cultura prática, como ida a teatros, cinemas, aquisição de livros, cursos e outros suportes tecnológicos.

A comunicóloga Cicilia K. Peruzzo inclui a atividade comunicativa, propriamente do direito à comunicação como parte dos direitos

humanos (2009, 2013). Fundamenta a importância da comunicação como prática que pode emancipar o ser, dando-o possibilidades de conhecer mais profundamente seus próprios direitos em sociedade. “[...] a comunicação pode contribuir nos processos de conhecimento, organização e ação com vistas a assegurar o cumprimento de todos os direitos humanos”. (2013, p. 169)

Além da falta de meios culturais de empoderamento do sujeito há outros itens limitadores. Como a presença da fronteira física, geográfica, de significado de residir em determinada cidade, num Estado X, país Y, do continente W. A representação de governo, a facilitação do transporte, o valor da moeda, se há guerras civis ou outras. E a questão da fronteira social, em especial das características do trabalho e profissão, se esse contexto proporciona momentos recreativos, esportivos, tempo para troca de conhecimento e afeto em família, por exemplo.

As fronteiras mudam e são potencializadas dependendo das estruturas sociais cambiantes. As inovações também podem se apresentar por perspectivas relacionais.

Obtivemos inovações significativas nas últimas décadas no setor tecnológico, assim como foi depositado recurso financeiro expressivo nesse setor. Investiu-se em áreas de retorno prático do cotidiano, em especial nos bens materiais de consumo, entretanto não houve de forma equilibrada incentivo financeiro para outras áreas do conhecimento tais como áreas humanas e sociais. Esse privilégio de investimento deixou de construir e ampliar um terreno maduro e desenvolvido de seguimentos representativos de aquisição informacional de empoderamento. A internet como meio de conhecimento pode servir apenas de exposição de fotos *selfies* nas redes sociais digitais, por exemplo. As brechas das

inovações tecnológicas e mesmo de mídias poderiam ser mais aproveitadas com uma educação tecnológica conectada com às áreas humanas e sociais de aprendizagem.

A partir dessa reflexão o filósofo Erich Fromm (1976) para explicar sobre construir o amor e o modo ser do homem, recupera a vivência social excessivamente atrelada aos processos para captação dos bens materiais, ligados ao sistema capitalista. Nessa visão de amor, o autor traz o problema histórico do homem atual, das suas relações sociais com o trabalho capitalista que o afasta de ser amor. Essencialmente por distanciá-lo de “seus desejos humanos mais fundamentais, da aspiração de transcendência e unidade”. (1956, p. 67) Em “A Arte de Amar”, então, Fromm contempla o vazio do amor na atitude amorosa humana em si e no homem em sua vida em sociedade. Para esta tese explica que,

A sociedade capitalista baseia-se no princípio da liberdade política, de um lado e, do outro, no do mercado como o regulador de todas as relações econômicas e, portanto, sociais. O mercado das utilidades determina as condições sob que os artigos se trocam; o mercado de trabalho regula a aquisição e a venda do trabalho. Tanto as coisas úteis, *como a energia e a capacidade humanas úteis*, [grifo nosso] são transformadas em artigos que são trocados, sem o uso da força e sem fraude, sob as condições do mercado. (Fromm, 1956, p. 65)

Ou seja, “energia” e “capacidade humanas” só terão reconhecimento social se tiver procura de mercado, o resultado do trabalho – produto ou serviço – é mais importante que o valor humano. [...] As coisas acumuladas que são mortas, têm valor superior ao trabalho, às forças humanas, àquilo que é vivo” (1956, p. 65). O que esperar da reflexão deste homem contemporâneo sobre suas práticas de ser? De sentir de

forma autônoma? De preferir a passividade do inanimado, do morto, ao ativo, vivo, pulsante no seu processo criativo? “O homem moderno é alienado de si mesmo, de seus semelhantes e da natureza”. (1956, p. 67)

“Nosso caráter é engrenado para trocar e receber, para transacionar e consumir tudo, os objetos espirituais como os materiais, torna-se objeto de trocar e de consumo”. (Fromm, 1956, p. 67). Para tanto, Fromm finaliza: o amor contemporâneo no “modo ter”, aquele como objeto volta a ter ressonância. O imaginário social nessa versão de não incorporar à capacidade humana de amar, verdadeiramente, traz o valor social das relações sociais como de troca, de aquisição.

Mas a “Revolução da Esperança” (1977) completa o sentido da humanidade recuperar o “modo ser”, transcendendo as práticas de desvalorização das energias do homem, e reconectando-o ao amor, à prática criativa, ativa e de protagonismo coletivo.

Contudo, há atualmente propostas, espaços, encontros, plataformas, veículos que têm aproximado esse pensar empoderado, mais autônomo, das consequências sociais com o coletivo, com base em valores humanos de convivência e sociabilidade que permitam práticas e processos de autogestão e recuperação de laços afetivos de pertencimento tão importantes e caros para o viver contemporâneo.

### **Walk and Talk e Vida Simples: Conectando Conhecimento e Diálogo**

O Projeto Walk and Talk (<http://www.walkandtalk.com.br/>) é composto por Luah Galvão e Danilo Espanha, começou com um sonho, por ambos, de dar a volta ao mundo. O primeiro Projeto da dupla se estendeu por dois anos em 28 países e 5 continentes, conversando com as

peças das mais variadas etnias, procurando respostas sobre - o que as motivam? No segundo Projeto resolveram caminhar pela famosa trilha de Compostela, na Espanha, em 60 dias, perguntando sobre histórias de superação. No terceiro e último projeto, a “Expedição Perú”, teve a resiliência como tema das histórias reportadas.

Os protagonistas do Walk and Talk realizam palestras, conversas, encontros, seminários, workshops e outros como meios de trazer a público a coletânea de experiência e sabedoria das viagens. Iniciaram os resgates das memórias locais por onde passaram desde 2011.

O impulso inspirador do Walk and Talk veio da Grécia antiga, da “Civilização Helênica e todo o conhecimento da Paidéia, que era um ‘modelo de educação’ baseado em valores para a formação do caráter, inspirado nos mitos como exemplos comportamentais e no desenvolvimento de talentos individuais em prol da sociedade”. (Walk and Talk, s.d.)

O Projeto acredita que todo conhecimento advém de processos de trocas:

Seja através da troca de informação, observação de exemplos, mesclas culturais, etc. Em nosso projeto, essas trocas acontecem de três maneiras:

1º ao vivo com as pessoas que encontramos/entrevistamos durante as viagens.

2º virtualmente postando histórias nas redes sociais e em nosso site.

3º ao vivo em palestras, workshops, etc falando sobre nossas experiências com a tentativa de promover inspiração e propondo atividades que aproximem as pessoas de seus talentos. (Walk and Talk, s.d.)

Além disso, os organizadores do Projeto compreendem que a cidadania faz parte da abertura de consciência e entendimento cultural que suas experiências provocam e refletem em seus interlocutores.

Ressaltar a dignidade de pessoas de qualquer cultura, classe social, raça ou credo e incentivar a busca de seus talentos é o que consideramos a parte de cidadania do projeto. Acreditamos que se cada um encontrar aquilo que nasceu para fazer, teremos pessoas mais responsáveis, mais motivadas, mais saudáveis e mais úteis socialmente, elevando assim a consciência geral sobre a cidadania. (Walk and Talk, s.d.)

A importância em se conhecer profundamente e aplicar suas habilidades pessoais e motivadoras no agir coletivo propõem sujeitos além de mais autônomos, conectados a valores sociais criativos e construtivos do viver em sociedade. Como descreve Raquel Paiva (2005, pp. 21-22) a ideia de comunidade gerativa é oportunizar no seu tempo e espaço propostas harmônicas de sociabilidade, e se entendendo enquanto sujeito nesta articulação social pode indicar saídas mais inteligentes e bem-sucedidas ao social. O Projeto Walk and Talk ao se basear no resgate das memórias sociais e coletivas e se preocupar nessas exposições favorece seu público no caminho dialógico sobre o todo encontrando-se individualmente.

Outra questão singular do Projeto são as informações sobre suas viagens, há muitos veículos de comunicação e programações a respeito de viagens, contudo a inserção dos representantes nos espaços de trocas com os outros sujeitos das histórias, vivenciando o indeterminado, com apenas o tema em mente, enquadra o formato do projeto como construtivamente cambiante, logo, a expectativa é compreender o outro no diálogo.

Passando para a revista *Vida Simples*, ela é publicada pelos novos proprietários, Luciana Pianaro e Eugenio Mussak, desde 2018. (*Vida Simples*, s.d. b) Anteriormente era da empresa Editora Caras e

de propriedade intelectual da Editora abril, na época líder em revistas customizadas no País. A Vida Simples nasceu como exemplar especial da Revista Superinteressante, e está no mercado editorial independentemente da Super há 15 anos. Segundo a página no facebook a Vida Simples “é uma revista mensal sobre estilo de vida, sociedades melhores e relações mais ética”. (Vida Simples, s.d. b)

Traz mensalmente assuntos pró-meio ambiente, consumir menos, retorno a laços afetivos, valores coletivos de sociabilidade, autoconhecimento profundo, práticas alternativas de medicina e comportamento, incentivo à cooperação e ocupação dos espaços socialmente, além de reflexões positivas em como lidar com os processos cíclicos e de mudança contínua, como trabalho, profissão, vida pessoal, emocional entre outros.

Para a editora da revista, Ana Holanda, a Vida Simples “é uma publicação feita para pessoas (não gostamos de definir por gêneros ou idade) que estão em busca que faça mais sentido, mas verdadeira e que as ajude a viver em sintonia com elas mesmas e com o meio ao redor”. Sobre a questão da linha reflexiva da revista, se observam-se como espaço de troca de conhecimento a partir de perspectivas dialógicas e de bem-estar coletivo, a editora explica:

A publicação sempre dá voz aos pequenos projetos, que dificilmente têm espaço em outras mídias. E isso serve como inspiração para outras pessoas, além de ajudar a abrir o horizonte do leitor e apresentá-lo a uma multiplicidade de olhares. Pode ser o projeto de um pequeno grupo que planta orquídeas ao longo das margens do rio pinheiros ou tietê, em São Paulo; de uma comunidade que incentiva o plantio de hortas coletivas e assim por diante. (Holanda, 2016)

Na oportunidade de trazer temas comunitários, de grupos e sobre localidades com atividades singulares, Ana Holanda pontua que a cidadania permeia as várias matérias da revista. “Nas reportagens incentivamos o convívio na cidade, a valorização dos espaços públicos (e a apropriação dos mesmos), a valorização da convivência coletiva em detrimento da individual. É o incentivo para que as pessoas caminhem mais, observem o entorno, convivam com o outro em um ambiente de respeito mútuo”. (Holanda, 2016)

Com a temática central da revista para a abertura sobre desenvolvimento humano integral (corpo, mente e coletivo) propõe o diálogo da troca de conhecimento a partir de uma matriz referencial de bem-estar coletivo. Neste diálogo a busca por consumir menos, a importância do meio-ambiente, o respeito em manter as trocas no coletivo, desde espaços à diferença de crenças, e a nobreza das atitudes individuais para o bem-estar em sociedade colaboram na autenticidade de uma educação colaborativa, com mais docilidade à vida.

As práticas cidadãs são formadas com educação voltada para a cidadania. Pensar nos processos comunicativos alinhados com conhecimentos plurais, preocupados com narrativas inclusivas sobre o coletivo, contribuem ao redirecionamento de práticas dicotômicas e competidoras à reflexões e ações positivas de sociabilidade.

### **Considerações Finais**

Vivemos em um processo de mudança planetária contínua, para além da “crise” conceituada e alertada por Bordoni e Bauman (2016) como algo permanente e extrafronteiras da política e órgãos institucionais da esfera política, estamos ecologicamente em transmutação. Sujeitos que

ressignificaram a perspectiva catastrófica de “crise” têm desenvolvido propostas de sociabilidade à luz da cooperação e integração pelos laços sociais locais e também virtuais, com apoio de outros tantos sujeitos que se identificaram com essas propostas e valores via redes sociais, redes sociais digitais, plataformas de financiamento coletivo e troca de tempo e habilidades de conhecimento.

O Projeto Walk and Talk e a revista Vida Simples são resumos expressivos de mudanças conjecturais nos processos comunicativos na atualidade.

Para o contexto contemporâneo em estado permanente de mudança, as três temáticas do projeto, inicialmente em 2011 com “motivação”, depois 2014 com “superação”, e o mais recente “resiliência”, demarcam elementos da esfera do sensível que destoam dos valores comuns da lógica mercantil. Refletir sobre nós e nossa integração em sociedade pode permitir sujeitos mais próximos em inovar extrafronteiras.

A Vida Simples em diferenciar-se na ótica das relações sociais, observando práticas positivas de convivências coletivas em sociedades complexas e hipermediadas como a nossa, indicam fatores necessários e audaciosos para a existência social. A inclusão de temas ligados à ética, à saúde mental e à educação em coletivo também edificam a proposta da revista a públicos mais participativos socialmente e próximos de características da sociabilidade, e a presença importante de tantos Outros.

Contudo, para pensar a comunicação como processo devemos inter-relacioná-la na conjuntura socioeconômica e cultural da atualidade, e como proposta alinhada à cidadania é necessário captá-la como ferramenta voltada às práticas plurais de conhecimento e validar os

exemplos que ganham maturidade e público, para as atitudes criativas do agir social, coletivo.

Como características próprias dos direitos humanos, essas propostas de processos comunicativos dependem também dos princípios de igualdade e de liberdade. Igualdade no acesso dos indivíduos à comunicação, aos meios de informação, e liberdade no manuseio e apropriação desses canais de comunicar. “A qualidade da cidadania se realiza não apenas pela oportunidade de participação na comunicação, mas essencialmente porque ela potencializa a ação cidadã na busca da ampliação dos demais direitos”. (Peruzzo, 2009, p. 42)

A experiência cidadã de agir a partir dos direitos humanos de forma plena, apropriando-se dos instrumentos do direito à comunicação, contribuem na formação em sociedade do conhecimento sobre amor, ser, coletivo e sociabilidade. Práticas conectadas à esperança motivam ações criativas e colaboram na identificação em si das capacidades humanas como valor fundamental para as novas e atuais relações sociais.

### Referências

- Bauman, Z. & Bordoní, C. (2016). *Estado de crise* (R. Aguiar, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Duarte, J. (2006). Entrevista em profundidade. In J. Duarte & A. Barros (Orgs.), *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação* (2a ed). São Paulo: Atlas.
- Fromm, E. (1956). *A Arte de Amar*. (M. Amado, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.

- Fromm, E. (1976). *Ter ou ser?* (, N. C. Caixeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Editora Guanabara.
- Fromm, E. (1977). *A Revolução da Esperança: Por uma Tecnologia Humanizada*. (E. Jorge, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Paiva, R. (2005). Mídia e política de minorias. In R. Paiva & A. Barbalho (Org.), *Comunicação e Cultura das Minorias*. São Paulo: Paulus.
- Peruzzo, C. M. K. (2009). Movimentos sociais, cidadania e o direito à comunicação comunitária nas políticas públicas. *Revista Fronteiras*, 11(1), 33-43. Recuperado de <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/5039>
- Peruzzo, C. M. K. (2013). Comunicação nos movimentos sociais: o exercício de uma nova perspectiva de direitos humanos. *Revista Contemporânea, comunicação e cultura*, 11(1), 138-158. Recuperado de <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/6980>
- Sennett, R. (2012). *Juntos. Os rituais, os prazeres e a política da cooperação*. Rio de Janeiro: Record.
- Stumpf, I. R. (2006). Pesquisa Bibliográfica. In J. Duarte & A. Barros (Orgs.), *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Atlas.
- Vida Simples. (s.d. a). Timeline [Facebook]. Recuperado de <https://www.facebook.com/revistavidasimples/?fref=ts>.

Vida Simples. (s.d. b). Blog. Recuperado de <https://vidasimples.co/quem-somos/>.

Walk and Talk. (s.d.). Blog. Recuperado de <http://www.walkandtalk.com.br/>